

**Comunicação sobre A FAMÍLIA**  
no contexto da celebração dos 25 anos da Diocese de Bissau  
e do lançamento do Projecto Diocesano de Pastoral

Parece-me que o jeito desta comunicação deva ser dúplice:

- por um lado "fazer memória" do que, ao longo do caminho da nossa Igreja particular, Deus já nos proporcionou como solicitação e experiência neste assunto;
- por outro lado olhar para frente e evidenciar perspectivas de trabalho para o futuro, conforme as indicações do Projecto Diocesano de Pastoral e o objectivo específico n.4 que toca na família.

Trata-se, enfim, de ler um pedaço da nossa história como "história da salvação", em que Deus actua, e dela tirar elementos de reflexão e lições para o nosso viver e o nosso actuar presente e futuro; como que reconhecer, nesta história, as feições que Deus quer dar à nossa Igreja Particular.

**A. A Família e a pastoral familiar na história da nossa Diocese.**

Digo desde já que minha experiência missionária cá na Guiné não me permite ter uma visão panorâmica e completa do que se passa a nível da Guiné toda, visto que sempre vivi no extremo norte-oeste, com possibilidades muito limitadas de comunicações. Por isso a minha exposição será forçosamente limitada. Tento fazer com que seja útil quanto a análise de uma experiência e de uma actuação a nível de cultura, de pastoral e, dentro de certos limites, duma tentativa de inculturação.

O esforço missionário realizado cá na Guiné Bissau ainda no contexto da Prefeitura Apostólica também incluiu a perspectiva da criação de famílias cristãs: era natural, apesar de não enfatizada Nesta perspectiva quero sublinhar o trabalho dos internatos, masculinos e, de maneira especial, femininos, o de Bôr e o de Bafatá. Todos sabemos que, se os jovens sempre gozaram de maior liberdade e têm possibilidade de se aproximar da escola, o mesmo não acontece com as moças, desde sempre. E então frequentes eram os casos de jovens baptizados que, com apoio de suas famílias ou dos missionários, tentavam colocar suas namoradas num internato, onde as irmãs procuravam dar às moças, além da instrução, também uma preparação à vida. Estiveram, e ainda estão, presentes na nossa Igreja casais de que as mulheres tiveram este tipo de preparação e que se encontraram depois a testemunhar com sua vida e empenhamento. Pessoalmente posso lembrar o casal Evangelista, Domingos e dona Josefa, que muitas vezes estiveram presentes com seu apreciado testemunho nos estágios diocesanos para formação de catequistas, ainda nos primeiros anos da nossa Diocese. Mas ainda há outros casais em que as mulheres tiveram sua preparação nos internatos e se tornaram colaboradores na pastoral a nível de paróquias e de Sectores de Pastoral. Mas eram sempre casos individuais: umas gotas no mar.

Também numa ou outra paróquia houve atenção a casais e famílias, oferecendo momentos associativos e de formação, como os "Casais de Santa Maria" e outras iniciativas parecidas, por exemplo no contexto da Legião de Maria.

Devemos porém dizer que a atitude geral dos missionários face à situação da família na Guiné sempre foi um bocado de desalento: a situação da família sempre se apresentou um bocado "desastrada" e o número de casais fiéis e bem comprometidos não era tal que conseguisse gerar fáceis entusiasmos.

Quais as razões destas dificuldades na vivência do casamento cristão? Apareciam muitas, entre as quais apontávamos (naquela altura eu já fazia parte dos missionários no terreno) o costume da poligamia existente no meio tradicional e os maus exemplos que também se encontravam entre expatriados e "assimilados" que se apresentavam como "cristãos".

Quando a Diocese foi criada, não é que tenhamos dado logo muita atenção à família como tal. Na primeira reunião dos padres em casa do Bispo, 5 de Maio de 78 falou-se em catequese e criou-se a comissão diocesana de Catequese, como aliás se falou no Seminário (que já existia) e foi convocada outra reunião para 30 de Maio especificadamente para tratar dele. Mas a Família como tal esteve ausente.

O mesmo aconteceu com as "Prioridades da acção pastoral" que o saudoso Dom Settimio apontou no primeiro número de C.A., o de Janeiro de 1979: há directrizes válidas e iluminadas, mas não se faz menção da família.

Aconteceu porém que nos encontros de "Catequistas" que a Comissão Diocesana da Catqueee começou logo a organizar (1978), apareceram desde o princípio exigências e sugestões, vindas pela "base" que tocavam exactamente no casamento cristão e na família; até que o primeiro encontro de casais a nível diocesano é de 26-29 de Dezembro de 1979, já depois do segundo estágio diocesano de formação para os catequistas.

Tive a sorte de ser chamado por aquela Comissão a participar em tais estágios, passando depois a dirigí-los e a organizá-los, tendo sucedido na direcção da própria Comissão desde 82. Desta forma tenho nas minhas mãos os relatórios dos estágios realizados ao longo de vários anos (2 em 81, 4 em 82 e assim para diante) e é interessante notar como, entre os pedidos dos participantes, sempre vem a preparação ao casamento cristão, a formação para a vivência da família cristã, etc. Eu sempre gostei que aparecessem tais pedidos, porque aliás vinham ao encontro da experiência que eu próprio estava vivendo, como direi mais adiante. Naturalmente os conteúdos de tais pedidos e sugestões variavam consoante a composição dos participantes.

---

Por exemplo, em 24/09/81, segundo estágio, 50 participantes de que 43 solteiros, 1 casado tradicional, 6 casados pela Igreja. Lição sobre o casamento cristão, feita por Dona Josefa Evangelista. Proposta dos estagiários: que se faça um estágio sobre formação de namorados; façam-se nos estágios lições sobre o casamento, preparação e vivência.

Janeiro 82, 1º estágio diocesano para catequistas adultos do interior, em Suzana. 32 participantes, solteiros 12, casados pela Igreja 18, casados tradicionais 2.

Falando no que distingue o caminho novo do caminho velho, quiseram enfrentar, entre outros, mesmo o assunto do casamento cristão, com muita comunicação de experiência, debruçando-se sobre a situação da família na Guiné Bissau. Nada de lições, nada de esquemas, só comunicação e discussão entre eles. Transcrevo o que apontei do que foi dito naquela altura.

"Por um lado há o esforço, a coragem do cristão em querer transpor os numerosos obstáculos socio-étnico-religiosos que surgem de: falta de preparação ao casamento; costume do balanço familiar separado (economia do homem separada da da mulher); ausência prolongada dos homens por motivos de trabalho; uma certa atracção como que inata para usos sociais (poligamia etc.), religiosos (irã), maneira de educar os filhos, de determinar o casamento deles...; o considerar a mulher como um "bem económico"...

Por outro lado surgiu o testemunho de quantos participaram aos irmãos quanto seja enriquecedor, entre marido e mulher o comunicar-se tudo sem segredos; a comunhão de bens ("O dinheiro, quando entra em casa, é nosso, já não é meu" dizia um deles); o facto de ter uma mulher só, com a qual colaborar na educação dos filhos; o ter deixado de beber ou, pelo menos, de embebedar-se; o ter deixado de bater na mulher... Um deles, falando no seu casamento disse: "Estamos a viver como criaturas libertadas"... e outros, ainda no princípio dum caminho cristão sério, saíram com esta expressão: "Mas então um filho da Guiné pode viver o casamento cristão na verdade!?".

---

As coisas continuaram: quase que não houve estágio nenhum de formação, e foram muitos, sem que não aparecesse a exigência de uma lição, de uma mesa redonda sobre o casamento cristão e, mais do que uma vez, a proposta de cursos para namorados. E os testemunhos de casais cristãos eram escutados com muito interesse.

Com a criação dos Sectores em 85 (que se tornaram **Sectores de Pastoral em 1987**) e o descentramento do trabalho, houve a possibilidade de intensificar a formação quer quanto a número de pessoas alcançadas quer quanto a especificidade de argumento. Várias foram as iniciativas de "catequese familiar" como era chamada, em diversas paróquias. No **Sector de Cacheu**, além de continuar a hospedar em Suzana estágios diocesanos e de sector para catequistas, passámos ao assunto específico do matrimónio e da família. Logo no primeiro ano de vida do Sector organizámos estágios para famílias cristãs, em vista a

ter casais colaboradores, indispensáveis neste tipo de discurso, casais que chamamos de "Animadores familiares". Passou-se a estágios para catecúmenos casados, próximos ao Baptismo, encontros para namorados cristãos etc.

Em 1988 foi necessário criar uma comissão que assumisse este novo trabalho e nasceu a Comissão da Pastoral Familiar do Sector. Com o apoio dos casais formados para serem "Animadores familiares" foram organizados encontros em Ingoré e depois em Bula para cristãos amigados, muitos dos quais, frente a propostas claras e a testemunhos de vida dos casais de animadores, resolveram regularizar seu casamento depois da devida formação. Pareciam estar a espera mesmo disso: o casamento cristão era apresentado não como uma lei ou uma obrigação para cumprir, mas sim como um dom de Deus, com o qual ele pôs os homens na condição de se realizarem à sua semelhança. Em vez do casamento para ter filhos ou com finalidade económica ("ter mão de obra"), já se falava no casamento comunhão, a que seguiriam os filhos, mas que subsiste também no caso de os não ter.

Não quero falar em tudo o que foi feito desde então em prol da família, para realçar só um aspecto daquele trabalho, o que vinha aparecendo desde os primeiros estágios de animadores de comunidades adultos.

Folheando os relatórios daqueles estágios, como também dos precedentes, e das discussões e mesas redondas neles organizadas, aparece com uma certa frequência o seguinte: a preocupação de formar famílias cristãs para termos comunidades bem assentes, que garantam continuidade e enraizamento ao caminho cristão. Aliás é o que apareceu no primeiro esboço de linhas comuns de pastoral, promulgado em 1988, que a certo ponto assim reza: "se dê à família a nossa atenção principal, visto que é a família o que mais garante uma continuidade de vida e de caminho...."

Do que se trata?

Trata-se de algo que vem da nossa história.

Seja-me permitido a este ponto expor algo da minha própria experiência feita na missão em que me encontro a trabalhar, algo que pode ajudar a entender o que acabamos de dizer. Sei que é uma experiência limitada e um bocado particular, mas, mesmo pela sua singularidade, parece-me oportuno oferecê-la ao conjunto da Diocese. Aliás é no próprio "património histórico" e na "tradição" que se esboça a identidade da nossa Igreja Particular. Tento ser breve.

Quando o meu predecessor **Pe. Marmugi** chegou à missão de Suzana, em Janeiro de 52, vinha de Farim, onde trabalhara quatro anos. Conforme ele me contava, além das várias dificuldades que lá encontrara, estava mesmo decepcionado pela falta de consistência das famílias cristãs e, por conseguinte, a falta de educação dos filhos. Chegado a Suzana, oferecia-se-lhe a possibilidade de começar algo como que do princípio, como escrever num papel ainda branquinho.

Como se costumava, ele também começou com a escola, enquanto tentava aprender a língua felup para se poder entender com eles todos. Como acontece normalmente, os alunos eram uns rapazes, nem tão pequeninos, absolutamente nenhuma moça. Entre os vários que frequentavam, uns se familiarizaram mais com o padre e andavam com ele também fora da escola, aprendendo trabalhos, pescando etc. No entanto ele tentava aprender a língua felup e fazer passar a mensagem cristã.

Apesar da oposição de pais e anciãos, os jovens começaram a frequentar a catequese com uma certa regularidade. Já estava-se no limiar dos anos sessenta. Pe. Marmugi continuava com o mesmo método, observando usos, costumes e cultura.

Apercebeu-se que os jovens não tinham autonomia nenhuma, não eram livres de fazer escolhas e, se vinham à catequese, é porque em casa diziam que vinham à escola e mais ainda a trabalhos etc.

No entanto havia pressões para que ele comesse a baptizar, pressões por parte dos confrades e das autoridades religiosas, que não percebiam porquê este padre, depois de oito-dez anos ainda não baptizava ninguém (estávamos ainda antes do Concílio Vaticano segundo!...).

Pe. Marmugi aguentou. Procurava a forma de não colocar tais jovens como que num beco sem saída: baptizar não custava nada, mas quais as possibilidades que eles teriam para viver na prática seu Baptismo?

Através da observação de usos e costumes felup, reparou em duas coisas que lhe ofereceram o caminho a seguir:

- primeiro: a relativa autonomia de que goza um casal felupe dentro de sua casa. Digamos que se o jovem e a rapariga naquela cultura não gozam de autonomia nenhuma, uma vez casados e dentro de sua casa, têm pelo menos 80% de autonomia de suas famílias e de seus grandes: eles decidem, eles educam seus filhos.

- segundo: a seriedade e a relativa estabilidade do casamento felup, normalmente monogâmico:: quase nunca há duas mulheres na casa nem são tão frequentes os casos de poligamia sucessiva.

*(Na monografia "A Guiné Portuguesa" de 1950 de Avelino Teixeira da Mota vem a seguinte estatística: famílias monogâmicas: Baiotes 69,3%, Manjaco 54,3%, Mandinga 48,7% etc.; Felup 85,2%, com 14,6% de bígamos e 0,2% de polígamos).*

Resolveu então deixar que os jovens crescessem e casassem: a este ponto as suas mulheres também podiam começar a frequentar a catequese. Nasceram os primeiros filhos que cementaram a união dos casais. Estes começaram a fazer frente juntos às represálias da tabanca, que não queria que se baptizassem. Aguentaram e, depois de 17 anos de presença e de trabalho dos padres e depois da chegada das irmãs, houve o Baptismo das primeiras famílias e de mais uns jovens.

Foi daí que naquela missão começamos a falar em comunidades fundadas de facto sobre famílias, que garantiam mais estabilidade e até apoio aos mais novos, não só, mas, com o volver dos anos, começaram a criar e a transmitir uma tradição, uma cultura nova, que sabe a Evangelho: a comunidade cristã começou a criar raízes, raízes cristãs no chão da Guiné.

Eu cheguei em vésperas dos primeiros Baptismos, que foram em 1969 e me encontrei envolvido em cheio nesta experiência que me construiu e me moldou como missionário, até porque Pe. Marmugi morreu logo em 73 e eu fiquei a continuar seu trabalho: tive que dar atenção a estas famílias, cultivá-las, ajudá-las a crescer na consciência e na responsabilidade de serem o fulcro de suas comunidades, suas bases e fundamento. E é dizer que estão mesmo criando uma tradição cristã que transmitem aos filhos.

(Onde se vê que não é por eu ter maior queda ou preparação para este tipo de trabalho que nele me envolvi: não, tive que crescer com ele, procurando estar na condição de responder a suas exigências.

E nem sempre me achei à altura.

Por exemplo, os filhos destas famílias cristãs iam crescendo: como é que encarariam seu casamento? Haverá uns valores que continuarão e serão elevados ainda mais, haverá uns costumes que terão que ser deixados, haverá outros que devem mudar e outros ainda que devem aparecer: afinal, com a Revelação aparecem também valores novos que devem ser propostos.

Providencial foi neste assunto da preparação de rapazes e moças a presença e o trabalho de Irmão Renato que tinha nisso uma experiência específica e conseguiu criar um estilo com os primeiros casais novos, Lino e Maria, Pitrikó e Dina.)

Esta experiência dá para entender a insistência sobre o trabalho (que não é exclusivo!!) com as famílias em vista de criar comunidades estáveis, vivas e criadoras de tradição e de cultura cristã. Por exemplo as famílias estão plenamente engajadas na estruturação e na realização do caminho de iniciação cristã dos filhos. Estou falando, neste momento, em meu nome, não em nome da Comissão Diocesana da Pastoral Familiar a que pertença, e falo baseado não em princípios, mas em experiência, baseado no que aconteceu e está acontecendo em nossa diocese; algo, aliás, que os nossos leigos Guinenses, catequistas, animadores ou casais captaram quando vieram a Suzana para encontros de formação.

Fecho a digressão "histórico-experiencial" e peço venia por ter insistido talvez demasiado: era só para ajudar a entender a perspectiva em que nos colocamos quando falamos da família na comunidade cristã.

Lembro porém que esta experiência, de certo modo, "passou" também a famílias de missões e comunidades limítrofes e entrou na actuação da Comissão da Pastoral Familiar do Sector de Cacheu. Por ex. aconteceu que nos encontros de formação até de animadores de comunidades, além dos homens, como de costume, começaram a aparecer também suas mulheres: e era a "Igreja doméstica" a se propor como "caroiço" da nascente comunidade cristã.

## **B. Desde a criação da Comissão Diocesana para a Pastoral Familiar para cá.**

Em Agosto de 92 o então Vigário Episcopal para a pastoral, Pe. José Câmnate, pediu-nos que puséssemos a serviço da Diocese a experiência adquirida a nível do Sector de Cacheu. A resposta foi afirmativa e ele criou a **Comissão Diocesana para a Pastoral Familiar** aproveitando também uns elementos daquela Comissão de Sector.

Os pontos de referência, os precedentes a que nos inspirar para o nosso trabalho eram três, naquela altura:

- a mensagem do Papa em Bissau 1990, que especificava para nós, na Guiné, o que vinha dizendo a respeito da família a nível da Igreja toda (a FC é de Novembro 81); em Bissau disse-nos: "A família cristã é o lugar particularmente privilegiado para dar a conhecer ao mundo o valor salvador do Evangelho".

- o ditado das Linhas Comuns de Pastoral promulgadas em 88 e enriquecido pelas observações emergidas nos inquéritos de preparação à 2ª Assembleia do Pessoal missionário de 1991, onde, entre outras coisas, como a formação, a inculturação etc. falou-se em comunidades vivas e no papel que a família tem na sua formação, vivência e actuação; falou-se também no sacramento do matrimónio, que deve ser apresentado em seus fundamentos, e exigências; na sua preparação com envolvimento de casais cristãos; nos apoios para sua vivência, etc.....

- a experiência ganha em anos de trabalho dirigido primeiramente a aprofundar o sentido do casal cristão e da família cristã e proposto depois em diálogo a casais de cristãos amigados, a casais de catecúmenos, a casais em formação, enfim a casais de boa vontade, nem que polígamos, mas tencionados a encontrar um valor e um significado mais profundo na vida de suas famílias. Trabalho, aliás, pensado e executado em estreita colaboração com os próprios casais animadores e suas equipas.

Depois duma pesquisa nos vários Sectores para ter conhecimento da realidade existente, dois foram os passos dados:

1. O primeiro passo foi a redacção de um PLANO GERAL DE TRABALHO, apresentado à Diocese, que marcou o rumo e o estilo segundo os quais a CDPF actuou e continua a actuar, em contacto com o "terreno" e em estreita colaboração com sectores e paróquias.

Tal plano vem aqui reproduzido. Não valerá a pena ler tudo, mas sim salientar só uns pontos, que clarificam um estilo.

---

"1.A Pastoral Familiar é orientada a fazer surgir famílias cristãs que sejam:

célula fundamental e estrutura portante da comunidade humana e eclesial em particular, como "Igreja doméstica";

lugar privilegiado de assimilação e de transmissão dos valores evangélicos de comunhão, serviço à vida, testemunho;

. terreno fértil para o nascer e o se formar de carismas, serviços e ministérios no Povo de Deus.

2.A Comissão Diocesana da Pastoral Familiar propõe-se como finalidade de:

animar, coordenar, recolher experiências, sugestões e propostas para

a) um enriquecimento e um caminho comum

b) rumo à criação de núcleos estáveis para a constituição de comunidades vivas.

3.Como método de trabalho a CDPF propõe-se:

a) o encontro, a troca de experiências, a busca em comum à luz da Palavra de Deus e do Magistério da Igreja

b) o cultivo da espiritualidade do sacramento do Matrimónio

c) a animação da pastoral familiar nos sectores realizada pelos membros da CDPF

4. O movimento da pastoral familiar processa-se segundo a seguinte estrutura:

a) da Comissão Diocesana

às Comissões dos Sectores

às equipas de animadores familiares de cada paróquia

e vice-versa

b) em colaboração com iniciativas e organismos, eclesiais e não, para o conseqüimento de seus fins."

---

2. O segundo passo foi a publicação de um primeiro subsídio ("possível pista de reflexão") que visa a dinamização das famílias cristãs existentes em cada paróquia em vista a termos leigos empenhados na pastoral familiar, os tais "casais animadores familiares", sem os quais nada o quase se pode fazer. O subsídio tem dois momentos:
- a. tomada de consciência do "ser família cristã"
  - b. formação inicial da "família animadora"

Desde então, podemos dizer, estamos na actualidade. Muita escuta da base, para conhecer actividades, dificuldades, fornecer apoios e colocar **uma estrutura mínima** de grupos de casais e de casais animadores familiares a nível de paróquias e Sectores. Programámos como que um ciclo, marcado por encontros, estágios de formação e publicação de subsídios correspondentes:

Primeiro, 93-95. Formação dos animadores. Preparámos o texto "**O Evangelho do matrimónio e da família**", que serviu como base de dois estágios, para coordenadores da pastoral familiar e para formadores.

A seguir, sempre no momento formativo: O texto "**Matrimónio e família na sequela de Cristo**, aspectos da moral cristã", sobre o qual estruturámos mais um curso de formação.

No entanto foi celebrado o Ano Internacional da família, durante o qual tentámos também chegar nas casas dos Guineenses através de conversações na rádio, recolhidas depois num fascículo. O Ano internacional da família foi como que um primeiro balanço dos dois anos de actividade: algo estava mesmo acordando.

Continuando no ciclo formativo abordámos o aspecto da construção da família. Quer dizer: *o interlocutor é o casal*, que "pensa" sua família e "programa-a" conforme sua fé, suas convicções e suas possibilidades concretas: foram vários os encontros sobre "**Planeamento familiar**" com apresentação dos métodos naturais. Estágio com animadores Portugueses e nacionais. Curso para animadoras. Encontros de avaliação distribuídos ao longo de ano e meio.

O terceiro momento do ciclo contemplava a **educação dos filhos**. Foram distribuídos subsídios e documentos do Pontifício Conselho para a Família, em 96/97.

Amadureciam os tempos para termos, além de animadores familiares convencidos, conscientes e preparados, subsídios, simples e apoiados no "terreno", para ajudarem na **preparação ao matrimónio** dos casais guineenses, colhidos no vivo de sua experiência, com valores e "desvalores" próprios das culturas e da situação presente da vida na Guiné.

Aliás o próprio Conselho Presbiteral pediu-nos perspectivas sobre preparação e valorização do sacramento do matrimónio

Com esta finalidade foram feitos os "**Questionários**" sobre os dados tradicionais das várias culturas a respeito de matrimónio e família e sobre a situação actual, onde há valores que desapareceram e outros costumes nem sempre positivos que se afirmaram. O trabalho, começado em 97 foi interrompido pelo conflito.

Quando foi possível retomar a actividade já estávamos em vésperas do Jubileu e tentámos fazer dele um momento forte também para as famílias.

Preparámos subsídios de reflexão em preparação ao Jubileu e enviámo-los aos Sectores, que por sua vez organizaram os encontros.

Foi, o **jubileu das famílias**, uma ocasião em que, quer pela participação massiva das próprias famílias, quer pelo que os casais dos vários Sectores relataram na Mesa Redonda, foi possível detectar a caminho feito pelas famílias na Diocese, há valores que foram assumidos, mensagens que foram assimiladas e apareceram casais de animadores com experiências iluminadoras e propostas bem vivas. Parece mesmo que está a aparecer como que uma "rede" ou um "tecido" de famílias como células vivas e fundamentais das comunidades cristãs, conscientes aliás de seu papel na construção duma sociedade mais humana e aberta.

Depois do Jubileu pusémos mão a continuar o trabalho programado. Aproveitando os materiais recolhidos através dos questionários de 97/98 trabalhámos nestes últimos dois anos na preparação do último subsídio: "**Casar no Senhor**, Guia de orientação ao Matrimónio para Agentes da Pastoral familiar". É a resposta da Comissão aos pedidos feitos ao longo destes anos para termos um texto que nos ajude na preparação dos casais ao matrimónio, entendendo casais de namorados, casais de amigos, casais no

catecumenato. Aliás, se a Comissão pensou e realizou o subsídio, forte foi a participação dos encarregados dos sectores para sua avaliação e revisão. O subsídio está pronto, está a caminho e estará em nossas mãos dentro de Dezembro.

No entanto participámos também nas Assembleias para a preparação do **Projecto Diocesano de Pastoral** e já nos debruçámos sobre o objectivo específico que diz respeito à família.

Neste sentido nos reunimos ainda antes do fim do passado ano pastoral e apontamos umas linhas gerais de actuação como também um programa de acção da pastoral familiar para os anos 2002-2005. A folha que saiu desta reunião já foi enviada aos Sectores.

---

*Há, primeiro, uma afirmação de carácter geral que norteia o trabalho da Comissão: Animar, na Diocese, Sectores e Paróquias para que se evangelize a família, em vista a realizar-se segundo o plano de Deus.*

*A seguir vem o objectivo mais especificado: trabalhar para actuar o objectivo específico do Projecto Diocesano de Pastoral, a saber: "Promover uma adequada pastoral familiar de modo que a família cristã se torne um lugar de enraizamento e difusão do evangelho e desempenhe o papel que lhe cabe na Igreja e na sociedade" (PPD.nº4).*

*Quisemos depois especificar quem é envolvido na acção da pastoral familiar, a quem é dirigida:*

**\*Famílias cristãs regulares** para que sejam fundamento das comunidades, elaborem e transmitam uma tradição cristã.

**\*Famílias catecúmenas**

**\*Jovens em preparação** ao Sacramento do Matrimónio

**\*Famílias amigadas** a "recuperar"

**\*Famílias tradicionais, Famílias guineenses** em geral...

Acções (cfr.PPD nn.19-22):

- Elaborar um programa formativo para as famílias, onde se inclua o estudo dos aspectos positivos e negativos da família guineense e a educação dos filhos, recorrendo a "peritos" em vida familiar.
- Realizar encontros, seminários, retiros, convívios para casais.
- Convocar Assembleias gerais das famílias nos Sectores de pastoral
- Proceder ao recenseamento das famílias cristãs

A. A nível de CDPF: anima, propões e apoia a actuação pastoral de Paróquias e Sectores, através da formação de Agentes da Pastoral Familiar;

- recolhe e elabora subsídios;

- organiza seminários, encontros formativos e celebrações extraordinárias

B. A nível de paróquia a pastoral familiar, coordenada pelo Pároco ou pelo Assistente espiritual, vive e actua:

\* no Grupo das famílias com seu responsável

\* nos Casais formadores para preparação ao matrimónio;

\* nos Animadores familiares, que:

- acompanham e ajudam as outras famílias na própria vivência cristã

- organizam e guiam "momentos" de vida espiritual nos tempos fortes do Ano litúrgico, como também em ocasiões particulares

- amparam as famílias em dificuldade ou longe da prática cristã

C. Em cada Sector a acção pastoral familiar é animada e coordenada pela Comissão do Sector que colabora directamente com a CDPF, animando, por sua vez, as paróquias do Sector.

Na mesma reunião foi traçado também um programa de acção da pastoral familiar para os anos 2002-2005. Nele além de apontarmos o trabalho que a própria Comissão tem que fazer, também propusemos actividades para os Sectores. Assim:

2002-2003 1. Completamento, revisão e publicação do texto "**Casar no Senhor**" para preparação ao Matrimónio.

2. Actividades nos Sectores: encontros de paróquias dentro do próprio Sector, ao menos duas vezes no ano sobre o seguinte tema:

**O matrimónio é uma vocação:**

- a) dignidade da pessoa humana
- b) duas pessoas para um único projecto
- c) escolher-se: o tempo do namoro

\*\* As modalidades das actividades deixam-se à iniciativa de cada Sector.

2003-2004 1. Formação de líderes: dois seminários para agentes da pastoral familiar, de uma semana cadaum, respectivamente para:  
- formadores a nível de Sectores e paróquias  
- animadores paroquiais, para apresentação do livro "Casar no Senhor".

2. Tema de reflexão anual para as actividades dos Sectores:

**A Bíblia nos revela a família ideal:**

- a) o plano de Deus sobre a família
- b) as dificuldades que se opõem à sua realização
- c) os meios que nos tornam capazes de o assumir e de o viver

2004-2005 1 Encontros de casais com "peritos" para guiar o planeamento familiar  
2. Encontro diocesano de famílias

3. Tema de reflexão para as actividades dos Sectores:

**Os filhos, dom e responsabilidade diante de Deus e da sociedade**

- a) o filho é um dom de Deus e muda a vida do casal
- b) educar aos valores e transmitir a fé aos filhos
- c) construtores da sociedade de amanhã.

---

NB. Já se impõem mudanças. Por exemplo: o texto "Casar no Senhor" já está pronto, pelo que o seminário programado para 2003 em que tal texto seria explicado, já se irá realizar logo depois do Natal 2002: ainda não nos reunimos, mas posso adiantar que vamos para aquela data.

## Conclusão

Como conclusão queria assinalar uns pontos básicos que iluminam o caminho que temos na nossa frente.

1. Se a família é a célula primeira e vital da sociedade: tanto quanto a família está em crise, a sociedade também está em crise. É urgente trabalhar a família para que a sociedade melhore.

Não há quem não veja que a crise da família na Guiné é dupla:

- crise da família tradicional, que, apesar de limites bem evidentes, transmitia valores e garantia uma certa ordem a nível de sociedade tradicional: há valores que desaparecem e não são "substituídos"
- falta de modelos consistentes para se constituir um novo tipo de família estável, portadora de valores e garante da sua transmissão

É só ver a desordem existente na nossa sociedade, sem pontos de referência válidos, com sentido moral muito fraco e conseqüente desnorreamento das camadas juvenis...

Neste sentido uma pastoral familiar consistente é um dos primeiros serviços, e não o menor, que a Igreja pode oferecer à sociedade.



2. Se a família é a célula primeira e vital da sociedade, tanto quanto a Igreja é também sociedade, na mesma medida é como que fundada sobre a família. Não é possível construir Igreja em sentido pleno, de Povo de Deus (ainda mais a Igreja família), sem constituir famílias sãs, conscientes e estáveis. Daí que a atenção à família e a seus membros unifica a nossa acção pastoral e lhe confere continuidade Peço desculpa, mas devo dizer que uma das queixas que sempre afloraram nos nossos contactos com casais empenhados nas várias paróquias é a de que nós os párocos não ligamos muito, não nos interessamos a eles como devíamos. Será verdade? Será impressão? Não terá fundamento? Eu refiro o que ouvi mais e mais vezes: nós, os párocos, temos que pensar nisso.

3. A descoberta do casamento-comunhão, e não só "procriação" ou "factor económico", põe em realce o CASAL e aponta para sua formação. O Casal continua casal também quando, com a presença dos filhos, aparece a família; ele garante a coesão da família tanto quanto ele próprio está unido e cresce no amor. O Casal continua tendo suas exigências e dinâmicas que lhe garantem crescimento no amor e estabilidade: o fenómeno de "casa dois", "casa três" obriga-nos talvez a repensar um bocado uns pontos da nossa actuação pastoral, nomeadamente no que se refere ao diálogo com a cultura, à formação cristã e ao acompanhamento dos casais.

O resto... será matéria de encontros a programar no futuro. Obrigado.

---

*pe. Giuseppe Fumagalli*

Suzana, 04.10.2002